

Sarney propõe a "união nacional"

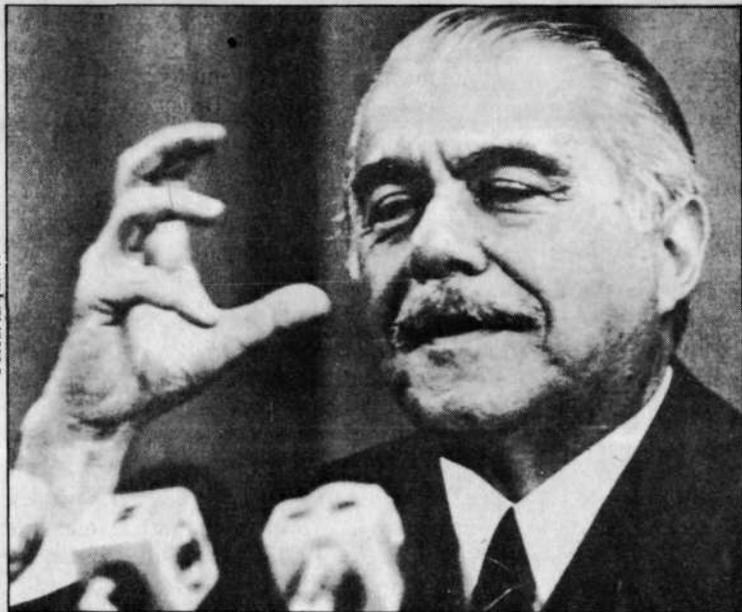
O presidente diz que está disposto a conversar, "sem preconceitos", e que as eleições consolidaram o pluralismo ideológico.

JORNAL DA TARDE
19 NOV 1988

Um partido preso pelos cargos

O rompimento do PMDB presidido pelo deputado Ulysses Guimarães com o governo Sarney não será uma decisão fácil, uma vez que além dos 12 ministérios, o PMDB detém pelo menos 25 mil cargos de confiança na administração federal. Dos ministros, apenas dois acompanhariam uma decisão que viesse a ser tomada nesse sentido pela convenção nacional do partido: Leopoldo Bessone, da Reforma Agrária, indicado pelo governador Newton Cardoso, e Ralph Biasi, da Ciência e Tecnologia, escolhido pelo governador Orestes Quércia. Os demais são "ministros de Sarney", na definição de Roberto Cardoso Alves, da Indústria e Comércio.

Líderes do PFL não acreditam nesse anunciado "grito de independência" peemedebista: "Nunca um governo atendeu tanto a um só partido em tão pouco tempo", comentava ontem o líder do PFL, deputado José Lourenço, referindo-se aos inúmeros cargos que o PMDB detém em todos os escalões da máquina administrativa federal.



Sarney: o desafio é chegar a novembro de 1989.



Ulysses: o difícil rompimento com o governo.

No programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio" transmitido ontem para todo o País, o presidente José Sarney disse que a alta inflacionária ameaça a transição democrática e a realização de eleição presidencial em 1989. Sarney renovou o desejo de conversar, "sem preconceitos", com os partidos vitoriosos em 15 de novembro e fez um apelo em favor da "união nacional".

"Nosso desafio é chegarmos às eleições de 89 para presidente da República, concluindo a nossa transição democrática sem tropeços. Para que isso possa acontecer, é necessário que as tensões econômicas que vivemos sejam distendidas. A inflação que atravessamos ameaça, penaliza o povo", afirmou. Aos candidatos eleitos nas prefeituras, Sarney pediu solidariedade: "O Brasil precisa do trabalho de quem foi eleito, de sua compreensão. Sabendo que o governo não é uma ação isolada, mas um processo solidário".

Para o presidente, as eleições municipais consolidaram o pluralismo ideológico no País, resultado do processo de redemocratização. "A não ser pela violência, nada poderá derrubar esse pluralismo." Acrescentou ainda: "Quem tentou, na história da Humanidade, fórmula melhor ou diferente, fracassou".

Sarney falou também das greves na Petrobrás e na Companhia Siderúrgica Nacio-

nal, ambas prejudiciais à sociedade, como frisou, que paga impostos e é o verdadeiro dono dessas empresas. "As empresas privadas têm patrões, as estatais não. Elas pertencem ao povo brasileiro", disse o presidente. Sem dar sinais de atendimento às reivindicações dos petroleiros e metalúrgicos, ele limitou-se a apelar ao "bom senso". "O perigo, nestas situações, são os aprovei-

tadores, que não estão defendendo os interesses da empresa", afirmou.

Mesmo reconhecendo a Companhia Siderúrgica Nacional como um patrimônio do povo, construído no governo de Getúlio Vargas, o presidente Sarney citou o valor do prejuízo que ela provoca anualmente (US\$ 400 milhões) à custa do imposto pago pelo

contribuinte. Sobre a Petrobrás, disse que o lema "o petróleo é nosso" não pode ser trocado por "o petróleo é meu", se considerar que de seu funcionamento depende a normalidade de todo o País. Os trabalhadores da empresa — afirmou o presidente — "têm responsabilidade para com o Brasil e são admirados e respeitados por todos nós".